

Apresentação

Caro leitor,

É com satisfação que entregamos mais um número ao público, uma oportunidade de conferir um olhar sobre a educação ambiental e de suas práticas. Entre os muitos olhares sobre a educação ambiental, entre as muitas perspectivas em emergência, entre as polêmicas em curso, entre as dúvidas, as incertezas e as esperanças situa-se também a contribuição acadêmica neste campo.

Esperamos ser esta uma singela contribuição para compreender a crise ambiental e o lugar que a educação ambiental ocupa nesta desordem criadora. De nossa parte intentamos somar esforços para gestar, engendrar, agregar, articular, aprofundar e divulgar concepções e práticas na construção do saber sobre o meio ambiente, especialmente visando construir uma perspectiva educativa que modifique o imaginário antropocêntrico.

O movimento ambientalista prestou-se como um ator relevante para a internalização das questões ambientais, especialmente porque seu apelo contagiou setores intelectuais da academia e também porque propugna a formulação de políticas públicas. Nos últimos 15 anos se multiplicam as abordagens das questões ambientais e os espaços institucionais.

Autores partem do pressuposto de que as ciências sociais possuem conceitos apropriados para tratar de maneira coerente as questões do meio ambiente e ensaiar perspectivas de solução para a crise ambiental, social e civilizatória em curso.

No caso especial, a reflexão da sociologia ambiental desenvolveu-se com as contribuições de vertentes e de influências: a perspectiva da teoria dos novos movimentos sociais; a questão das alterações econômicas e culturais que refluem sobre o Estado; a formulação de políticas públicas para implementar a demanda ambiental; a crítica à modernidade e suas conseqüências; os estudos de caso sobre comunidades.

Funda-se uma escola que reflete sobre a relação entre o trinômio indivíduo, sociedade e natureza. Superou-se o momento crucial de interrogar e fundamentar se a questão ambiental

possui relevância para a sociedade, para o cotidiano do cidadão, para a academia, para o desenvolvimento da ciência. O que está posto em questão é de longo alcance entre o dilema do antropocentrismo ou excepcionalidade do paradigma humano e do ecocentrismo ou excepcionalidade do paradigma ecológico.

A saída é a promoção de uma política através de novos atores, com as redes, ONGs, ambientalistas. As novas redes são os principais atores para projetar as mudanças ambientais desejadas. Os movimentos populares são relevantes para despertar a percepção e a construção do conhecimento alternativo a partir do saber leigo. As ciências sociais possuem um papel relevante no processo de reflexão crítica, bem como é fundamental para repensar e exprimir uma visão crítica das relações sociais.

Entendemos que a sustentabilidade emerge como pressão sócio-ambiental e vem a ser uma nova utopia social, um sonho que vale a pena sonhar. Não é somente uma busca de soluções técnicas para os problemas ambientais hoje constatados. O desafio da sustentabilidade percorre também o campo da segurança alimentar para equacionar problemas sociais ou dar conta da superação da fome e da miséria. Estamos cientes que neste campo rumamos em águas turbulentas de um rio caudaloso e em meio a tempestades.

A sustentabilidade é um desafio da educação ambiental, da construção do imaginário; é o desafio de uma nova cultura e da das práticas sociais; é um desafio dos atores sociais, especialmente no encaço das políticas públicas.

No encaço de tal intuito um diagnóstico participativo, como é o caso do enfoque de gênero, se apresenta como um instrumento para promover a equidade e a sustentabilidade em comunidades. Por certo para alcançar esta finalidade as contribuições da pesquisa educacional, da reflexão crítica da educação ambiental e da comunicação serão um olhar e um desejo de sustentabilidade e transformação social.

Alegria e preocupação circundam a crescente importância da educação ambiental para as culturas locais num mundo globalizado. É neste sentido que vemos o nascedouro de novos

rumos seja através da reformulação da ética, seja do ecomunitarismo, seja do ecodesenvolvimento.

Além destes paradigmas outros estão em construção e poderão ser objeto de consideração em nosso próximo número.